

Crédito Panorama em 2010 mostra que empresários ganharam 93 dias para quitar compromissos

Taxas e condições de contratação devem melhorar

Angela Ferreira
Para o **Valor**, de São Paulo

As taxas de juros das operações de crédito subiram novamente em junho, segundo pesquisa da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). A quinta elevação do ano pode ser atribuída às altas realizadas na taxa básica de juros (Selic), promovidas pelo Banco Central. De acordo com Miguel Ribeiro de Oliveira, coordenador da área de pesquisas da Anefac, apesar da alta registrada em 2010, a perspectiva é de que tanto as taxas, quanto as condições de crédito (ampliação dos prazos, aumento do volume emprestado, maior flexibilidade) melhorem. O que pode ser observado nos números do crédito de maio divulgados pelo BC, que apontam um avanço nas operações e a ampliação de seus prazos de pagamento.

Segundo o BC, as empresas brasileiras estão conseguindo negociar prazos maiores nas operações de crédito neste ano do que foi possível em 2009. No panorama geral, os empresários ganharam 93 dias para pagar suas dívidas. Em maio de 2009, a média era de 267 dias corridos; no mesmo mês deste ano, são 363 dias.

Um dos destaques aconteceu na linha de capital de giro: em maio de 2009, o prazo médio para o pa-

gamento acontecia em 343 dias, enquanto que no mesmo período de 2010, passou para 480 dias. O desconto de duplicata saltou de 43 dias para 65. A modalidade de desconto de promissórias foi de 66 para 81 dias. "Os prazos mais elevados têm favorecido o aumento das operações de crédito, tanto para pessoas físicas quanto para as jurídicas, assim como a confiança do consumidor na economia. A grande representação disso é que o crédito para a pessoa física, pela primeira vez, superou o volume de créditos para as empresas", observa **Fabiano Guasti Lima, pesquisador do Instituto Assaf.**

Para Fábio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores, o resultado é reflexo das mobilizações do governo para calçar o país frente à crise econômica mundial iniciada em 2008. "O movimento de redução de juros leva de seis meses a um ano para se manifestar na economia. Por isso, podemos dizer que a expansão de crédito visualizada agora faz parte da expansão da liquidez em 2009, em decorrência da redução dos juros reais no primeiro semestre, em comparação com o quadro anterior em 2008, para ajustar o Brasil à crise."

Assim como observado desde janeiro, as operações de crédito do sistema financeiro mantiveram expansão em junho, com destaque para as carteiras baseadas em re-

ursos direcionados. O estoque total de empréstimos bancários atingiu R\$ 1,529 trilhão em maio, com expansões de 2% no mês e de 19,7% em doze meses, passando a representar 45,7% do PIB, ante 45,2% em maio e 41,8% em junho do ano anterior, informa o BC.

As operações realizadas com recursos livres totalizaram R\$ 1,017 trilhão em junho, significando aumentos de 1,8% no mês e de 13,2% em doze meses. Isso corresponde a 66,5% do total da carteira do sistema financeiro. No mesmo período a parcela correspondente aos recursos direcionados alcançou R\$ 511,6 bilhões, denotando incrementos de 2,4% no mês e de 35,3% em relação a junho de 2009.

Os empréstimos às empresas somaram R\$ 511,6 bilhões, com acréscimo mensal de 2,6%, com alta de 3% nas carteiras com recursos domésticos, impulsionada pela demanda nas modalidades capital de giro e conta garantida. Por setor de atividade, os financiamentos à indústria registraram expansão de 3,5% em junho, totalizando R\$ 323,9 bilhões, destacando-se os ramos de petroquímica, energia e mecânica. Os créditos para o segmento de outros serviços, impulsionados pela maior demanda dos setores de energia e de transportes, somaram R\$ 265,2 bilhões, com elevação mensal de 2,2%.

As operações direcionadas ao



CLAUDIO BELLI/VALOR

Silveira, da RC Consultores: "Expansão de crédito visualizada agora faz parte da expansão da liquidez em 2009"

comércio cresceram 2,7% no mês, com saldo de R\$ 151,5 bilhões. Segundo o BC, o resultado é reflexo das contratações dos segmentos do ramo automotivo.

Mesmo com o avanço no volume das operações de crédito, que denota uma trajetória de crescimento da atividade econômica doméstica, todas as linhas tiveram suas taxas de juros elevadas em junho e a taxa média geral para pessoa jurídica fixou-se no maior patamar desde novembro de 2009. Com a elevação de 0,05 ponto percentual no mês (0,90 ponto percentual em doze meses) ela passou de 3,67% ao mês (54,11% ao ano) em maio para 3,72% ao mês (55,01% ao ano) em junho.

Apesar de crescentes, as taxas de juros estão abaixo dos patamares observados durante a crise. Considerando todas as quedas e elevações da Selic promovidas pelo BC desde dezembro de 2008, houve no período (dezembro de 2008 a junho de 2010) uma redução da taxa de 3,5 pontos percentuais,

passando de 13,75% ao ano em dezembro de 2008 para 10,25% ao ano em junho de 2010.

Nas operações de crédito para pessoa jurídica, houve baixa de 11,68 pontos percentuais, de 66,69% ao ano em dezembro de 2008 para 55,01% ao ano em junho de 2010. "Daqui para frente deveremos ter reduções das taxas de juros, seja para produção como para consumo (pessoa física) em patamares superiores às quedas da Selic. Devemos, inclusive, ter períodos em que a Selic vai ficar inalterada e as taxas das operações de crédito vão ser reduzidas", analisa o coordenador da Anefac.

"Há duas vertentes que movimentam o mercado de crédito: a do tomador, que tem de ter confiança de que a economia vai crescer; e a de quem empresta, que deve estar com a opinião em linha à daquele. Como o cenário tem se apresentado positivo, com a economia aquecida de forma geral, a confiança da população cresce e a

demanda por crédito acompanha essa evolução. Isto gera maior competição no sistema financeiro e melhora do ambiente econômico com menor risco de inadimplência", diz Oliveira.

Silvio Paixão, professor de macroeconomia e cenários econômicos dos cursos MBA da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), acredita que a expansão das operações de crédito dependerá de como a economia vai se apresentar no segundo semestre deste ano e ao longo de 2011. "Seja quem for que ganhe as eleições presidenciais, terá de ter capacidade para executar a política econômica em linha com a dos últimos anos. Só assim teremos um horizonte auspicioso", afirma. Quanto às taxas de juros praticadas nas operações, Paixão não visualiza grandes mudanças. "A demanda por crédito, mesmo crescente, não é suficiente para alterar o patamar da taxa de crédito", completa.